

## **PIRANHA IIIC – UM NOVO ERRO ESTRATÉGICO**



**Expedito Carlos Stephani Bastos**  
Pesquisador de Assuntos Militares da  
Universidade Federal de Juiz de Fora  
[defesa@ufjf.edu.br](mailto:defesa@ufjf.edu.br)

A indústria de material de defesa brasileira sofreu mais um duro golpe nos últimos dias com o anúncio oficial da Marinha do Brasil de que o Corpo de Fuzileiros Navais adquiriu nos Estados Unidos cinco unidades do Veículo Blindado Transporte de Tropas 8x8 MOWAG PIRANHA IIIC, sendo quatro na versão citada e um socorro.

Segundo o mesmo documento, disponível no site Defesa@Net no link: [http://www.defesanet.com.br/afv/cfn\\_mowag\\_4.htm](http://www.defesanet.com.br/afv/cfn_mowag_4.htm) o cronograma de entrega se dará a partir de dezembro próximo e terminará no ano que vem (2007), perfazendo um custo total de US\$8.512.240,00, o que equivale a aproximadamente R\$18.556.683,00.



**Piranha III C. (Foto Mowag GmbH)**

A primeira vista foi uma grande compra, o preço está razoável e trata-se de um veículo muito bom, mas que em longo prazo trará problemas e aumentará os custos da cadeia logística, sem uma transferência de tecnologia, mantendo-nos apenas como meros usuários e com a preocupante dependência externa, além de jogar por terra a

POLÍTICA NACIONAL DA INDÚSTRIA DE DEFESA – PNID, aprovada em 19 de julho de 2005, respaldada pelo Decreto 5484 de 30 de julho de 2005 que criou a POLÍTICA DE DEFESA NACIONAL e dentre as suas orientações estratégicas podemos citar: *“O fortalecimento da capacitação do País no campo da defesa é essencial e deve ser obtido com o envolvimento permanente dos setores governamentais, industriais e acadêmico, voltados à produção científica e tecnológica e para a inovação. O desenvolvimento da indústria de defesa, incluindo o domínio de tecnologia de uso dual, é fundamental para alcançar o abastecimento seguro e previsível de materiais e serviços de defesa.”* Coloca-se também em xeque, a PORTARIA NORMATIVA 586 do Ministério da Defesa de 24 de abril de 2006 que aprovou as Ações Estratégicas para a Política Nacional da Indústria de Defesa que no artigo 2º inciso II diz: *“diminuição progressiva da dependência externa em produtos estratégicos de defesa, desenvolvendo-os e produzindo-os internamente... c - priorizar ações para o desenvolvimento de produtos de defesa pela indústria nacional... f - incentivar o intercâmbio entre as indústria de defesa e as FA para a P&D e a produção de produtos de defesa”* dentre outros.

Num passado não muito remoto provamos ter capacidade técnica e industrial para projetar, desenvolver e construir seriadamente blindados sobre rodas de diversos tipos além de exportá-los a vários países, sendo que muitos ainda se encontram em operação seja por parte das tropas das Nações Unidas, seja com exércitos que se encontram em situação real de conflito.

Tudo indica que os veículos adquiridos serão usados no Haiti, embora sejam grandes demais para o tipo de operação policial que lá estamos exercendo sob a égide da ONU. Basta comparar com os blindados sobre rodas lá existentes entre os diversos países que os operam junto com o Brasil. Há blindados dos mais variados tipos, desde um 4x4 a 8x8, passando pelos 6x6 Ratel (Sul-Africano) e Urutu (Brasileiro).

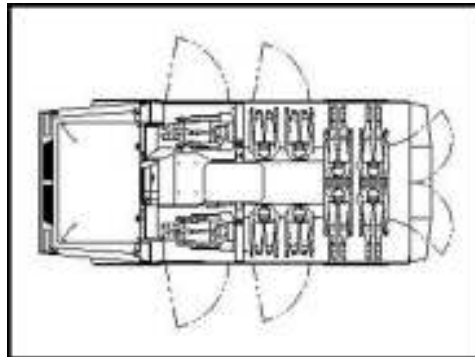


**Blindados 6x6 RATEL e URUTU no Haiti. (Fotos: CComSEx)**

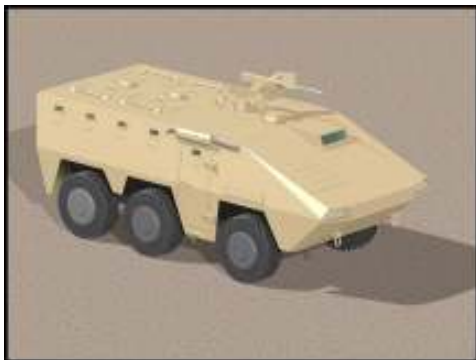
O parque industrial brasileiro tem capacidade para produzir blindados sobre rodas, que podem muito bem atender às Forças Armadas para os mais variados tipos de missões. Se o problema atual é que a Marinha tenha um blindado no Haiti, porque não comprar os seis Urutus, zero quilômetros, que existem para venda no Rio de Janeiro, ou ainda fabricar uns noventa Urutus só com o que existe dos estoques de peças da extinta Engesa, e em último caso podem pedir emprestado ao Exército a quantidade que se necessita para as tropas de fuzileiros, até que possamos ter os novos blindados

projetados e produzidos localmente que podem muito bem atender às três forças, utilizando uma só cadeia logística sem ter de implantar várias que terão custos elevados.

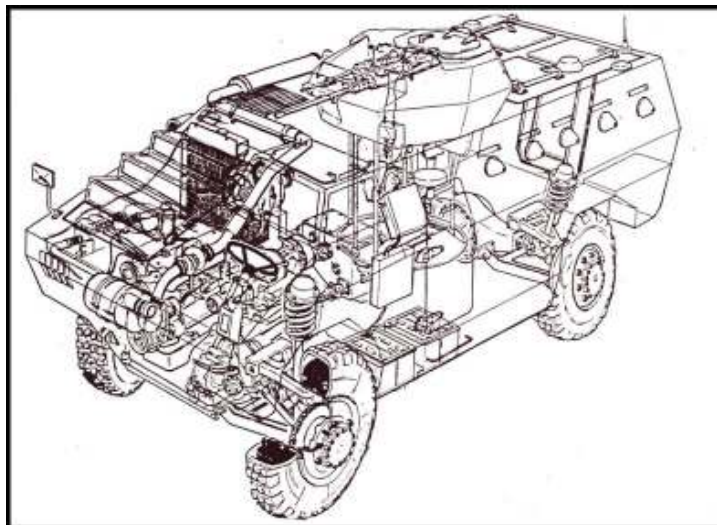
Outra opção, já que se pode gastar até este valor, porque não comprar dez blindados 4x4 Guará (na faixa de US\$500.000,00 a unidade) e levá-los para o Haiti onde estariam no habitat ideal até para compreendermos melhor como equipamentos novos se comportam para a luta urbana e que modificações seriam necessária para uma produção seriada. Garantia de empregos e desenvolvimento tecnológico no país.



Protótipo do blindado 4x4 Guará e desenho da versão BOPE para operações policiais. (Fotos: Coleção autor)



Desenhos conceituais para a Nova Família de Blindados sobre rodas 6x6 e 8x8. (Fotos: Coleção autor)



Projeto de um blindado 4x4 desenvolvido por empresa brasileira em parceria com empresa colombiana para o Exército da Colômbia. (Foto: Coleção autor)

Existem diversas empresas que poderiam muito bem desenvolver uma nova família de blindados sobre rodas e até existem projetos conceituais que serviriam de base. O que está faltando é vontade política, um Ministério da Defesa com poder de decisão, orçamento impositivo para a área de defesa e compras mínimas que garantam e estimulem os industriais e uma visão estratégica de longo prazo, deixando de lado o imediatismo e soluções paliativas que parecem resolver os problemas, mas prolongam nossa agonia numa área de vital importância para o país, tornando-nos altamente vulneráveis.

A necessidade de ter um equipamento brasileiro deve ser dos brasileiros e não dos fabricantes mundiais. Capacidade criadora não nos falta.

